

Marcus de la Poer Beresford.  
*Marshal William Carr Beresford: The Ablest Man I Have  
Yet Seen With the Army.* Newbridge: Irish Academic  
Press, 2019, 382 pp.

Rogério Miguel Puga  
(NOVA FCSH/CETAPS)

**E**m 14 de Novembro de 2018, foi apresentada, na Royal Irish Society (Dublin), por Roy Foster, Professor de história e literatura irlandesas da Universidade Queen Mary (Londres), a biografia *Marshal William Carr Beresford: The Ablest Man I Have Yet Seen With the Army*, embora a obra apresente, na ficha técnica, 2019 como data da publicação. Relativamente ao autor, Marcus de la Poer Beresford (n. 1948) é descendente de William Carr Beresford (1768-1854), foi professor de História no Trinity College Dublin e posteriormente advogado nessa cidade até 2010, altura em que se dedicou, de forma mais permanente, ao estudo da história da Irlanda e das guerras napoleónicas, sendo membro da Irish Military History Society, da British Military History Commission, do Trustee of the British Cemetery (Elvas) e da Friends of the Lines of Torres Vedras (<https://fltv.weebly.com>).

A biografia *Marshal William Carr Beresford: The Ablest Man I Have Yet Seen With the Army* é publicada pouco depois das celebrações do bicentenário da Guerra Peninsular e o seu título rentabiliza uma afirmação do Duque de Wellington acerca do herói de origem irlandesa

biografado. O referido estudo apresenta, com base em investigação em vários arquivos britânicos, irlandeses, americanos e portugueses, (viii, xii-xiii) complementada pelos estudos listados na bibliografia final, (350-374) a acção de Beresford no âmbito desse conflito, a sua posterior estada em Portugal e a organização do exército português, pelo que se assume como uma obra de referência essencial no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses. Como recorda Marcus Beresford, “the generals who fought alongside and indeed against Wellington have in most cases been the subject of one or more biographies, yet Marshal William Carr Beresford is noticeable for the absence of any biography of his life, which is curious given that he was Wellington’s right-hand man in the Peninsula, moreover, the man who was responsible for the rebuilding and reform of the Portuguese army”, (xi) havendo já obviamente inúmeros estudos portugueses e ingleses parcelares sobre aspectos específicos da carreira de Beresford, por exemplo os de Samuel E. Vichness (“Marshall of Portugal: the Military Career of William Carr Beresford, 1785-1814.” Tese de Doutoramento. Florida State University, 1976), de Malyn Newitt e Martin Robson (*Lord Beresford e a Intervenção Britânica em Portugal, 1807-1820*. Imprensa de Ciências Sociais, 2004) e de Fernando Dores Costa (“An Odd Alliance: William Beresford and D. João VI, Prince and King of Portugal,” *Journal of the Oxford University History Society* 7, 2009), a par de outros que estabelecem um diálogo interessante com a narrativa de que nos ocupamos, uma vez que qualquer biografia acaba por mitificar o herói biografado e privilegiar leituras que são complementadas por estudos como aqueles de que nos servimos e que foram utilizados por Marcus Beresford.

Com tanto arquivo disperso e tendo Beresford tido uma vida tão plurifacetada, será sempre difícil “grafar” uma figura histórica como ele, tentando a biografia sistematizar informação da mais variada ordem sobre a carreira do militar britânico, que, tal como Gomes Freire, faz parte das histórias e das mitografias portuguesa, britânica e irlandesa. Se Beresford é um herói nacional na Grã-Bretanha – tendo sido, em 1812, descrito pelo Duque de Wellington, com quem serviu a partir de 1808, como “the ablest man I have yet seen in the army,

and the one having the largest views" (Beresford 191) – , é demonizado amiúde em Portugal como mercenário cruel e inimigo dos interesses democráticos do país, recordando-nos que inúmeros heróis são considerados vilões nas comunidades junto das quais exerceram (por vezes abusivamente) o seu poder, frequentemente em prol de interesses pessoais, corporativos e do seu país de origem. Aliás, Marcus Beresford – que caracteriza o Marechal-general como "strict disciplinarian", (6) imagem que ecoa na historiografia e na literatura portuguesas – recorda as simpatias e os jogos políticos britânicos que influenciavam a escrita de histórias de guerras e chama a atenção para a subjectividade e a ideologia dos escritos (autobiográficos) de soldados:

Beresford's career was not without controversy, but that should not have discouraged the biographer given the nature and extent of his achievements. He suffered at the hand of William Napier, who had little good to say about Beresford in his monumental *History of the War in the Peninsula and the South of France*, but the Beresfords were strong supporters of the Tories, whom Napier passionately disliked (...). Sir Charles Oman, in what remains the definitive history of the Peninsular War, did much to redress the balance (...). However, neither of these works deal in any length with Beresford's early career, his rebuilding and reform of the Portuguese army, his active participation in the battles in the Peninsula and France, or his subsequent life in Portugal. (xii)

Os conflitos de poder entre os membros da Regência portuguesa e Beresford, considerado um déspota militar, eram comuns, e a imagem do militar no imaginário colectivo luso é também fruto da opinião negativa sobre os britânicos que se generaliza em Portugal sobretudo após o Ultimato (1890), sendo projectada no militar, enquanto estrangeiro, muita da origem dos males nacionais de então, processo que encontra eco nas historiografias inglesa e portuguesa, nomeadamente em descrições de Portugal como um "barrack state" sob a tutela militar de Beresford, que governava como um "vice-roy" (Gabriel Paquette, *Imperial Portugal in the Age of Revolutions: The*

*Luso-Brazilian World, c. 1770–1850*. Cambridge University Press, 2013, 91-92). A biografia defende ainda que o militar não teve qualquer envolvimento na

prosecution of the conspirators [Gomes Freire and other ‘traitors’], though he did reportedly interview at least one of the prisoners. He sought to ensure that Gomes Freire enjoyed at least a comfortable imprisonment before and during his trial, though his efforts were on occasions frustrated by the Regency. Apprehending that executions would create martyrs, Beresford sought a deferment of the implementation of the death sentences passed down, in order that they might be confirmed or commuted by King João, but this was refused by the regency, whether through concern for their own authority or otherwise (...) Beresford himself felt that Gomes Freire was a pawn being used by others and later suggested that the executed General had revealed names after his arrest which were suppressed by the regency. (242)

Como é sabido, a aliança anglo-portuguesa, as invasões francesas e a ida da família real para o Brasil deram a Beresford a oportunidade de desempenhar funções relevantes em Lisboa, sendo ainda descrito como “brutal, rude e ignorante”, (Costa 2006, 242) concluindo esse estudo que a avaliação da presença britânica nesse período

polarizou-se tradicionalmente em Portugal entre o reconhecimento do papel de salvadores, pois teriam introduzido no reino a disciplina militar onde imperava aquilo que era diagnosticado como um caos oclocrático, e a sua identificação como “colonizadores informais” de Portugal, aproveitando as grandes dificuldades vividas desde 1808 para imporem um domínio efectivo, Beresford concentrando os ódios da indignação nacionalista. (242)

A contestação popular à liderança de Beresford crescia e, como informam Newitt e Robson, com base no estudo da correspondência do militar anglo-irlandês, ele era um homem sem “imaginação nem ideias, e as suas preocupações, entre as quais se destacava a preservação do exército, eram quase exclusivamente a curto prazo”, (106-107) e se Newitt e Robson referem a “visão tacanha” (104) de Beresford,

Costa descreve as suas “profunda arrogância etnocêntrica (...) [a] protecção dos interesses comerciais ingleses, um padrão de comportamento estereotipado nos territórios ‘coloniais’ (...). A arrogância tutelar dominava o seu comportamento”. (243-244) Beresford estaria consciente do descontentamento crescente contra si e o seu governo militar,<sup>1</sup> que trava implacavelmente até à primeira vitória liberal.

A biografia publicada pela Irish Academic Press assume-se obviamente como um título indispensável para qualquer investigador interessado na carreira de Beresford em Portugal até ao seu regresso à Grã-Bretanha, e segue um fio cronológico desde o nascimento do militar na Irlanda e da sua infância e juventude, passando pelo seu desempenho ao largo do Cabo da Boa Esperança e na América Latina (1706-1807), antes dos seus sucessos em Espanha (1808-1809) e em Portugal (1809-1813), nomeadamente a reforma do exército luso e a defesa do país, com especial relevância para os conflitos do Buçaco, nas Linhas de Torres Vedras e nas margens do Tejo. A biografia ocupa-se também da Batalla de La Albuera, das suas consequências (1811) e de várias outras campanhas militares, da viagem de Beresford ao Brasil e do seu regresso à Grã-Bretanha, em Outubro de 1820, episódio que encerra a biografia, portanto, incompleta. O texto principal é ainda complementado por uma cronologia das guerras da Grã-Bretanha com França (1793-1814) e pelo texto integral da “Definitive Convention for the Evacuation of Portugal by the French Army”. (253-257) Fica, decerto, para uma futura oportunidade um estudo quer sobre a vida de Beresford após o regresso à Grã-Bretanha (por exemplo, como governador de Jersey, 1821-1854), quer sobre o seu regresso a Portugal, em 1827, ou ainda sobre a representação literária e historiográfica do Marechal em Portugal e no Reino Unido, ainda por fazer.

---

1 O “Panfleto do Conselho Regenerador” (Torre do Tombo, *Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça*, cx. 22, mç. 1, 1817), apreendido em 1817, refere-se a Beresford como o “ridículo Aventureiro” que deseja destruir a indústria e o comércio portugueses como “serviço à sua pátria” britânica. (15) O panfleto consiste num conjunto de textos, entre os quais encontramos um poema de cariz popular intitulado “Espírito Nacional”: “Quem perde Portugal, o Marechal./Quem sanciona as Leis o Rei./Quem são os executores, os Governadores./Para o Marechal hum Punhal. Para o Rei a Lei./Para os Governadores os Executores”. (1817, 204)

Uma outra recensão da nossa autoria, publicada neste número da *Revista de Estudos Anglo-portugueses*, ocupa-se do livro *O Cemitério dos Ingleses, Elvas* (2019), projecto desencadeado pelo Marechal Beresford e pelo General Stewart após solicitarem ao governador de Elvas, o General Francisco de Paula Leite, que o Major-general Daniel Hoghton, morto na Batalha de la Albuera, fosse sepultado nessa cidade, a 40 quilómetros de La Albuera. Esse livro sobre o cemitério complementa, assim, a biografia da autoria de Marcus de la Poer Beresford, que, por sua vez, também assina o capítulo terceiro (“Comando do Exército Português do Marechal William Carr Beresford 1809-1820”) desse outro livro, *O Cemitério dos Ingleses, Elvas*.